

RESENHA/REVIEW

MAGALHÃES, Célia Maria (org). 2001. *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG.

Resenhado por: Izabella dos SANTOS MARTINS
(Lael/PUC-SP)

Já de saída, o livro deixa bem claro a que veio: divulgar uma das teorias e métodos de Análise do Discurso – A Análise Crítica do Discurso –, bem como situá-la no panorama da grande área da Lingüística e promover reflexões sobre questões relevantes de interesse dessa área de pesquisa. Ao final da leitura, tem-se a certeza de que as propostas foram realizadas a contento. O livro consegue mais: convida o leitor/pesquisador não apenas a pensar, mas também a fazer análise crítica do discurso. O que é um convite irresistível.

Célia Magalhães, organizadora do volume e uma das pioneiras da pesquisa em Análise Crítica do Discurso no Brasil, é pesquisadora e professora adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Desde que ingressou na UFMG como professora, vem realizando e orientando pesquisas enquadradas na perspectiva teórica da Análise Crítica do Discurso (a partir de agora, ACD). Leciona disciplinas ligadas à ACD e aos Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos (POSLIN) daquela universidade. É membro-fundador do grupo de pesquisa intitulado CORDIALL – Corpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias – cujos pesquisadores realizam suas pesquisas tendo como base o referencial teórico e metodológico da Lingüística de Corpus, em conjunto com teorias da vertente anglo-americana da Análise do Discurso e com os estudos da Tradução. Atualmente, pesquisa a representação de identidades raciais em corpora híbridos, sob a perspectiva da ACD, dos Estudos da Tradução e dos Estudos Culturais, consolidando seu engajamento em questões relevantes ao contexto social brasileiro. Ao longo de toda a sua trajetória acadêmica, pode-se averiguar a consistência e a relevância da sua obra.

A Análise Crítica do Discurso, como pode ser lido em Fairclough (1992) surgiu como uma concretização do desejo de um grupo específico de lingüistas de criação de um método para analisar a linguagem que aliasse as teorias lingüísticas, sociológicas e políticas, a seu ver a única maneira adequada de tratar a linguagem, que é um objeto essencialmente dinâmico. Esta abordagem do discurso e da linguagem que alia conceitos e métodos oriundos da Lingüística e das Ciências Sociais de forma satisfatória pode ser considerada inovadora. Chouliaraki & Fairclough (1999:16) chegam a caracterizar a ACD como “síntese mutante de outras teorias”.

A Análise Crítica do Discurso pretende, em suma, mostrar o modo como as práticas lingüístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes, de poder e dominação. De acordo com Fairclough (1989:1), a Análise Crítica do Discurso pretende também “aumentar a consciência de como a linguagem contribui para a dominação de umas pessoas por outras, já que essa consciência é o primeiro passo para a emancipação”. Após essa breve introdução sobre a origem e a proposta geral da Análise Crítica do Discurso, volto-me ao livro em questão.

O primeiro capítulo de “Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso”, “A Análise Crítica do Discurso enquanto Teoria e Método de Estudo”, de autoria da organizadora, introduz o leitor, de forma didática, no universo da ACD, apresentando os conceitos chaves da teoria, seus fundamentos e sua síntese. A autora começa por promover uma reflexão sobre o conceito de discurso, apresentando a preocupação inicial dos analistas do discurso com o além da frase, que começa pela observação do texto, evoluindo para a preocupação com o contexto até chegar aos estudos críticos do discurso, cujos teóricos se engajam, além das questões acima, com a dimensão da prática social.

Como pode ser lido neste capítulo, de acordo com Fairclough (1992:22), “qualquer evento discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social”. A primeira dimensão do quadro tridimensional de análise proposto por Fairclough é a análise textual, que usa o aparato da Lingüística Sistemática e Funcional (LSF) de Halliday (1985). A segunda dimensão é a análise das práticas discursivas, aqui sendo entendidas como “a dimensão do uso da linguagem que envolve os processos de produção, distribuição e consumo dos textos, sendo variada a natureza desses processos dentre os tipos diferentes de discurso e de acordo com os

fatores sociais”, nas palavras de Magalhães (neste volume, p.17). A terceira dimensão do quadro metodológico da ACD, conforme Fairclough, é a análise da prática social, que tem em vista os contextos culturais e sociais mais amplos, levando em consideração, primordialmente, o conceito de hegemonia no sentido de um modo de dominação baseado em alianças, em consentimento, na incorporação de outros grupos através de sua subordinação. Como pode ser lido neste capítulo introdutório, de acordo com Fairclough (1992), na *Análise Crítica do Discurso*, o discurso é visto como um tipo de prática social, de representação e de significação do mundo. Nesta teoria, o discurso é entendido como constituinte do social, como um modo de ação, pois é uma das maneiras pelas quais as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros, mas é também visto como uma forma de representação, pois nele valores e identidades são representados de forma particular. Os discursos são concebidos como não apenas reproduzindo entidades e relações sociais, mas também como as construindo de diversas maneiras, cada uma das quais posicionando os sujeitos sociais também de diferentes maneiras (FAIRCLOUGH, 1992). O conceito de gênero do discurso é usado recorrentemente nos trabalhos em *Análise Crítica do Discurso*, e corresponde, de acordo com Magalhães (p.19), a um “conjunto estável de convenções o qual se associa a um tipo de atividade ratificada socialmente, encenando-a parcialmente, como, por exemplo, um bate-papo informal, um documentário de televisão, um poema, um artigo específico etc”. É cara a ACD a afirmação, emprestada de Bakhtin, de que os sistemas de gêneros do discurso ao mesmo tempo refletem e introduzem mudanças na prática social, numa relação dinâmica e histórica.

Magalhães descreve as três tendências principais que, segundo Fairclough, têm afetado o discurso nas sociedades contemporâneas: a democratização, a comodificação e a tecnologização. A democratização, nas palavras de Magalhães (p.25), “tem a ver com a remoção das desigualdades e assimetrias nos direitos, obrigações e prestígios discursivos e linguísticos de grupos de pessoas”. A comodificação, segundo Magalhães, é um processo que configura-se na organização de domínios sociais diversos – cujo alvo não é a produção de bens de consumo – em estruturas de produção, distribuição e consumo: discursos associados com a produção de bens de consumo colonizam outros discursos institucionais. Já a tecnologização do discurso é o emprego do discurso como técnica ou tecnologia em função de propósitos estratégicos.

No capítulo 2, “A Análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Público: as Universidades”, traduzido por Célia Magalhães, Norman Fairclough apresenta sua visão de análise do discurso, apresentando de maneira resumida a teoria da Análise Crítica do Discurso e o quadro metodológico para a análise de eventos discursivos. O autor ilustra a prática da análise crítica do discurso discutindo o que ele chama de “mercantilização” do discurso público na educação superior da Grã-Bretanha contemporânea. Na discussão teórica, Fairclough esclarece que a teoria em foco é nomeada “crítica” porque enseja “explorar sistematicamente relações freqüentemente opacas de causalidade e determinação entre práticas discursivas, eventos e textos e estruturas sociais e culturais” e “relações e processos mais amplos” (p.35). O autor considera as relações e lutas de poder como formadoras ideológicas dos referidos textos, eventos e práticas, e coloca a análise crítica a serviço da investigação da maneira com que a opacidade das relações entre discurso e sociedade opera como um dos fatores que garantem o poder e a hegemonia. Com isso, fica evidente que, ao tratar da dimensão do evento discursivo como prática social, o foco do autor é político, cujos alvos são as relações de poder e dominação. A mudança histórica deve, na visão de Fairclough, ser o foco e a preocupação principal da Análise Crítica do Discurso: os textos são vistos como transformadores do passado no presente – neste ponto, o foco da análise está na intertextualidade, considerada constitutiva de todos os textos. Fairclough trata de outro tema de importância crucial em sua teoria: a linguagem e o discurso na sociedade capitalista tardia. Segundo ele, a relação entre o discurso e as outras facetas do social é uma variável histórica, podendo ser observadas mudanças qualitativas na dinâmica dessa relação. De acordo com o autor, uma ordem do discurso global está emergindo, e o discurso na sociedade contemporânea caracteriza-se por ter o papel de destaque, o papel mais importante na constituição e na reprodução das relações de poder, operando por meio do senso comum das práticas cotidianas. São apontadas algumas características discursivas da sociedade contemporânea, como a conversacionalização, numa demanda crescente pela negociação através do diálogo, a reflexividade e a colonização dos demais discursos pelos discursos promocionais ou de consumo. Concentrando-se no que chama de “promoção como função comunicativa” (p.48), Fairclough termina o artigo analisando o já citado discurso de instituições da educação superior na Grã-Bretanha, relacionando-o à emergência dos traços discursivos apontados por ele como típicos da sociedade contemporânea. Traços como

a personalização do leitor e da instituição, a simulação de uma relação conversacional e a autopromoção são apontados pelo autor como marcas discursivas dos textos analisados, o que vem a confirmar as características do discurso nas sociedades contemporâneas anteriormente mencionadas por ele.

No capítulo 3, “Gêneros Híbridos”, Adriana Pagano enfatiza a necessidade de se considerar os gêneros do discurso sob uma perspectiva histórica e cultural. A autora apresenta concepções de gênero de autores muito citados neste volume, como as de Swales e Fairclough, bem como as de autores menos conhecidos da maioria e nem por isso menos relevantes, como Berkenkotter & Huckin e Freedman & Medway. O que está em foco no artigo é o hibridismo enquanto aspecto constitutivo do gênero, como norma e não como exceção. A autora nos convida a olhar a hibridização e a transformação como inerentes às formações genéricas, já que “O hibridismo parece surgir, assim, da práxis ou da produção textual, que, se bem participa de um gênero específico ou se vincula a ele, está sempre ativando outros gêneros”. (p. 90). A partir daí, Pagano discute o texto “Agents of Ice”, publicado no periódico “Area”, da Royal Geographic Society, apresentado no capítulo em questão como anexo, sob a perspectiva da genericidade e do hibridismo. O citado texto, como apontado por Pagano, apresenta várias características do gênero artigo acadêmico, como características léxico-gramaticais, movimentos retóricos, presença de notas de rodapé, identificação de autores e afiliação institucional, o que poderia claramente ser identificado como um artigo acadêmico. À medida que a leitura avança, no entanto, o leitor descobre tratar-se de uma paródia, dadas as expressões e afirmações bastante incomuns em artigos acadêmicos, e improváveis de serem estudadas cientificamente (como “adolescentes provocam mudanças climáticas”). Toda essa discussão ilustra um dos efeitos possíveis da “encenação textual intergenérica” (p.91). A seguir, a autora analisa alguns anúncios publicitários, publicados neste volume no anexo II, tendo o hibridismo como foco. Pagano prossegue com uma exposição do conceito de interdiscursividade para Fairclough, bem como discorre, a partir da apresentação e análise de anúncios publicitários presentes no anexo III, sobre gêneros interdiscursivos e gêneros de contornos difusos, salientando a tese de que tanto o surgimento de novos gêneros como a transformação dos já existentes estão relacionados com mudanças discursivas, históricas e ideológicas mais amplas, sistematicamente observadas na

sociedade atual. Da mesma forma, o papel da tecnologia como transformadora e produtora de gêneros com contornos menos nítidos também é evidenciada. Finalmente, a autora deixa patente a necessidade, imperativa, de levarmos em conta os processos de produção, distribuição e consumo de textos ao refletirmos sobre o gênero, em vez de o abordarmos tão-somente como tipos textuais.

No capítulo 4, “O Gênero Audiência Pública”, Maria Carmen Gomes, levantando a questão de como o uso da linguagem e a interação controlam as crenças e os valores de uma sociedade, discorre sobre as relações entre texto e contexto, entre discurso, sujeito e ideologia e entre a produção e a reprodução do social. A seguir, a autora apresenta a teoria do discurso de Fairclough, introduzindo outros nomes como Harvey e Ibáñez, abordando, entre outras, as questões, centrais em sua pesquisa, da esfera pública, da mercantilização do discurso e da “luta simbólica pela naturalização do senso comum” (p.126). Na seqüência, a autora aponta características e funcionamento do gênero audiência pública, trazendo à tona os temas da democracia como prática da cidadania e da participação popular nas decisões do Estado. Dessa maneira, a audiência pública é situada como uma “possibilidade de diálogo na esfera pública”. Mas seria esse diálogo um diálogo democrático? Tentando responder a essa questão, a autora se vale das considerações de Fairclough sobre o diálogo na esfera pública e de Swales sobre comunidade discursiva e sua definição de gênero construída a partir dela. A partir daí, tem início a discussão sobre o tema específico da pesquisa, a audiência pública para a construção de barragens no contexto de usinas hidrelétricas. Algumas características são apontadas, como o emprego de diversos gêneros, estilos e discursos por parte dos participantes das audiências públicas para alcançarem seus objetivos. Finalmente, a autora conclui que podemos entender o gênero em questão como algo que permite o diálogo democrático na esfera pública, e realça a complexidade das negociações, que se fundamentam em discursos e gêneros híbridos.

No capítulo 5, “A Hibridização e a Constituição do Discurso Evangélico na Mídia Televisiva”, Cláudio Márcio do Carmo faz um histórico da relação entre linguagem e sociedade, passando por Saussure, Bakhtin, Volochínov, Labov, Fowler e Halliday, até chegar a Norman Fairclough, cuja teoria informa o trabalho do autor, especialmente no que tange à visão da linguagem como prática social e ao conceito de “híbrido”, definido por do Carmo como “mistura de gêneros, discurso, registro e textos”

(p.144). Ao proceder à sua análise, o autor indica hibridismos e aponta relações de poder no discurso do pastor que apresenta o programa “Pare de Sofrer”, da Igreja Universal do Reino de Deus, veiculado pela rede “Record” no dia 21/04/2000. Após discorrer sobre as noções de gênero e comunidade discursiva, o autor expõe as características da audiência do programa televisivo analisado, bem como, situando o discurso do pastor como eminentemente retórico, aponta o discurso da perdição x o discurso da salvação como a maior tensão trabalhada pelos pastores, em torno da qual o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus é organizado. A seguir, o autor procede à análise dos gêneros apropriados por esse discurso, como os gêneros canção, salmo, conversa pelo telefone, testemunho e oração, concluindo que o discurso analisado aponta para um discurso promocional, mais que para um discurso religioso, em que pode ser percebida a hegemonia do discurso do pastor.

No capítulo 6, “Informação Científica e Sobrevivência Discursiva: Aspectos da Produção, Socialização e Consumo do Jornal Televisivo Brasileiro”, Janaína de Oliveira discute questões essenciais à análise do discurso, como os conceitos de gênero, estilo e tipos textuais, baseando-se em Fairclough e em Swales. Após essa discussão e a apresentação de seu corpus de pesquisa (notícias científicas veiculadas no “Jornal Nacional”), a autora aponta algumas características do gênero informação científica em jornal televisivo brasileiro, estando dentre elas o uso de marcadores coesivos explícitos, a alternância entre trechos descritivos e narrativos e o otimismo. A autora enfatiza a questão do entretenimento da audiência do jornal televisivo como fator de sobrevivência discursiva, uma vez que, como pode ser observado no cotidiano, o jornal compete pela atenção do espectador ao mesmo tempo em que o fazem diversas formas discursivas. A autora lembra que a aproximação dos discursos do entretenimento e do jornalismo, observada no gênero do discurso estudado por ela, segue tendências globais.

Durante a leitura dos artigos de Maria Carmen Gomes, Cláudio do Carmo e Janaína de Oliveira, o leitor é convidado à reflexão sobre os fenômenos de apropriação interdiscursiva e intersemiótica, aos quais estamos cotidianamente expostos, muitas vezes sem que tenhamos consciência dos seus propósitos.

No capítulo 7, “A Semiótica Social e a Semiótica do Discurso de Kress”, Sônia Pimenta apresenta os fundamentos da Semiótica, ponto de partida

da Semiótica Social, para logo em seguida discorrer sobre essa teoria e a Semiótica do Discurso. Neste item, fica clara a intenção da autora de advogar a favor de uma interpretação multimodal dos textos, que de acordo com os analistas do discurso seguidores de Gunther Kress, devem ser interpretados em conjunto com todos os outros modos semióticos. A Semiótica Social, como fica flagrante no texto de Pimenta, dá primazia ao elemento semiótico, sempre em articulação com as práticas discursivas e sociais, mas também utiliza, à maneira das demais vertentes da ACD, o aparato da Lingüística Sistemica e muitos conceitos e pontos de vista comuns entre os analistas críticos do discurso. Outro ponto fundamental abordado pela autora em seu artigo é a relação motivada entre significado e significante, posição essa que vai de encontro à de Saussure. Na Semiótica Social, afirma-se que os interesses (o conceito de interesse, aliás, é abordado no artigo, dada a sua importância capital na teoria abordada) do produtor do signo em determinado momento levam a uma relação motivada, não-arbitrária, entre significado e significante. No fim do artigo, a autora usa toda a discussão apresentada como fundamento das suas análises, apresentadas de forma resumida, sobre a interação em sala de aula, tema de sua tese de doutorado.

No último capítulo do livro, Angélica Ruchys e Maria Aparecida de Araújo procedem a um estudo comparativo entre a Análise Crítica do Discurso proposta por Fairclough e a Análise de Discurso de vertente francesa, como proposta por Charaudeau e por Pêcheux. A comparação é feita em termos dos objetivos propostos pelos três teóricos e das suas respectivas noções de sujeito, de discurso e de linguagem. Ao final do artigo, ficam evidentes as muitas semelhanças de percepção e concepção entre os três teóricos, sobretudo no que concerne à concepção do discurso como situado no entrecruzamento entre o lingüístico e o social, como mediador entre o estritamente lingüístico e o estritamente social e ao mesmo tempo, constituinte dessas dimensões. Segundo as autoras, as diferenças fundamentais entre as teorias em foco são de recortes teóricos e esquemas metodológicos, além da concepção de sujeito, a quem Fairclough, ao contrário de Pêcheux e de Charaudeau, atribui uma possibilidade transformadora, dinâmica, de mudança social. Por fim, Jakobson tem seu mérito reconhecido, quando as autoras lembram seu esquema informacional, questionando se os três teóricos abordados no capítulo não estariam, de maneiras diversas, atualizando esse esquema nos quadros propostos em sua teoria.

Mais uma vez, fica clara a importância inegável de Michael Halliday, Mikhail Bakhtin e seus seguidores para os estudos do discurso. E após a reflexão sobre as questões abordadas no livro, que nos levam a desnaturalizar conceitos e relações que parecem tão naturais, o leitor iniciante nos estudos da relação entre linguagem e sociedade é levado inexoravelmente à pergunta que não quer calar: como eu não pensei nisso antes?

E-mail: izabella.martins@gmail.com